

A casa do sertão

Adailson Tavares de Macedo – UFRN

RESUMO

O artigo utiliza-se de pressupostos bachelardianos para tratar a casa do sertão como um espaço de morada da alma.¹

Palavras-chave: Casa do sertão. Espaço onírico. Poética.

RÉSUMÉ

L'article utilise des présuppositions bachelardiennes pour traiter la Maison du sertão comme un espace de la demeure de l'âme.

Mots clés: Maison du sertão. Espace onirique. Poétique.

INTRODUÇÃO

O presente artigo refere-se à casa do sertão como um centro de produção de imagens da psique². A visita a esta casa inicia-se na cozinha e detém-se na sala. A seguir, a casa se expande, e o visitante pode conhecer a mata, a cidade, o açude o roçado e o terreiro. O tema propicia o desvelamento de aspectos da psique que se apresentam à consciência como um produto do coração, conforme a fenomenologia bachelardiana.³

A casa é um estado da alma onde deságuam lembranças e sentimentos de segurança, de proteção, de habitar e de fazer parte de algo. É um canto no mundo onde se reúnem o coração e a imaginação para construir imagens que enlevam o sujeito.

1 A palavra alma é utilizada quando se deseja referir-se ao aspecto imaterial dos humanos – seu âmago, coração, centro.

2 Totalidade dos processos psicológicos.

3 A fenomenologia da imaginação consiste em um estudo do fenômeno da imagem poética quando a imagem emerge na consciência como um produto do direto coração, da alma, do ser tomado em sua atualidade. (BACHELARD, 1993, p. 2).

A casa concentra-se no sertão, mas ao expandir-se, abraça o cosmos. A casa pode converter-se num ser da natureza e tornar-se solidária com a terra, os animais e o universo. Ela nos convida a visitá-la.

Caminheemos por uma pequena estrada que conduz à casa do sertão. Caminho estreito e pouco trilhado. Vereda sertaneja. A luz de uma lamparina espera à janela. É um ponto tremulante à distância. Assinala um espaço habitado e serve de orientação aos visitantes que se aproximam para prostrar, ouvir e contar histórias. A lamparina, “a lâmpada à janela é o olho da casa. [...] Através dela, a casa espera. [...] Pela luz da casa distante, a casa vê, vela, vigia, espera. [...] É um olho aberto para noite. [...] Às vezes ela brilha como um inseto reluzente na relva.” (BACHELARD, 2001, p. 51).

A estrada é responsável pela comunicação e socialização das pessoas que moram distantes umas das outras. É o caminho das pessoas que sonham. Este pequeno risco no chão representa a ligação inconsciente das pessoas com o todo. Não se pode “esquecer que há um devaneio do homem que anda, um devaneio do caminho. [...] E que lindo objeto dinâmico é um caminho! Como permanecem precisas na consciência muscular as veredas familiares da colina!” (BACHELARD, 2001, p. 30).

O sertão escurece. Na cozinha, o fogão de lenha cochila. O último tição⁴ deve ser reavivado com um abano⁵ e guardado debaixo das cinzas. As pessoas começam a se retirar para a sala. Lá fora, os pingos apressados da chuva tamborilam nas folhas das árvores. São as primeiras chuvas no sertão. A cozinha pede licença para dormir.

4 Pedaco de lenha acesa ou meio queimada

5 Objeto semelhante ao leque, feito de palha entrelaçada própria para avivar o fogo.

Uma brasa solitária solta a última faísca que, como uma flecha, ilumina a escuridão do espaço. A faísca desaparece, começam os sonhos. O violeiro Bastião, exclama: “é uma fênix que acaba de renascer e alça vôo em direção ao céu”. Acabara de lembrar-se de uma história contada pela professora Nitinha nas noites quentes, extensas e secas. Era uma história que trazia a força de enfrentar a seca. A lenda da Fênix está recontada no texto, com base em Burn (1992) e Hamilton (1983).

A fênix está solitária. Como conhece a arte da música, inicia um canto dolente e misterioso. Já viveu mais de quinhentos anos e pressente que se aproxima a hora de sua morte. Apesar desse saber dilacerar o seu coração, ela ajunta plantas aromáticas, constrói uma pira, coloca-se sobre ela e continua a cantar.

Um raio de sol inflama a pira. O canto da fênix é um choro que brota do fundo de sua alma. As aves, os peixes e os animais selvagens se comovem e se reúnem para ouvi-la cantar.

A fênix bate as asas para atizar o fogo. Toda pilha de madeira arde. Fogo e ave se confundem. Quando resta nas cinzas somente uma faísca teimosa, uma nova fênix surge para a vida.

Bastião achava essa história muito bonita. Ao chegar à sala, as pessoas pedem que ele recontasse a lenda da fênix. Ele atende ao pedido e acrescenta: a asa branca é a fênix do sertão. Bastião sabe que a asa branca – alma do sertanejo em forma de pássaro – renasce das cinzas da seca. O silêncio, mais alto que o ruído, enfatiza a concordância das pessoas. Bastião tinha procurado na sua realidade o que podia ser um pretexto para imaginar.

Como o violeiro, Bachelard (1990a, p. 54-55) utiliza-se de um acontecimento vivido para encontrar uma imagem extraordinária: “Meu primeiro pássaro de fogo, eu o vi mergulhar em meu rio. [...] O pássaro de fogo surgiu, tal uma flecha lançada pelo firmamento. [...] Era um martim-pescador azul como o fogo aquecido”.

O próximo contador de histórias é o tropeiro Dedé. Ele relata suas viagens pelas trilhas ser-

tanejas repletas de perigos. A onça seguia no faro. Acompanhava a tropa de animais à distância. Qualquer descuido era fatal para os burros. Os animais seriam devorados. Tornava-se necessário manter o fogo aceso durante toda a noite e redobrar a vigilância. Os ouvidos, na sala, estavam atentos. Nenhum barulho noturno de galhos quebrando na mata passaria despercebido na sala. Todos queriam participar da vigilância do acampamento e proteger os animais do ataque da onça. A história tinha transportado a mata sertaneja para a sala.

A onça não consegue o seu intento. Desiste sonolenta. A tropa prossegue a viagem que dura uma eternidade nas histórias de Dedé. A mata fica para trás. O cenário muda. Casas abandonadas são vistas com frequência. Estas desertas moradas estão cercadas de mato e solidão. Em noites de ventania, vozes estranhas dialogam entre as paredes vazias e arrepiam as pessoas que passam. O rangido triste da porteira avisa aos passantes que os moradores daquela casa fugiram com medo da seca. Uma boneca esquecida, espera a volta da criança que partiu apressada.

No período da seca, as histórias cediam lugar às orações. As pessoas se reuniam em torno do oratório e contavam a Deus que a seca tinha bebido as lágrimas das crianças e estava cozinhando o sertão em fogo lento. Afirmavam que o vento irritado com o sol causticante açoitava o sertão sem piedade. Seu redemoinho levantava a poeira das estradas e escurecia o céu. O sertão rodava envolto em poeira. As pessoas e os animais, vestidos de pó, temiam essa agressividade aérea. Portas e janelas eram fechadas com pressa. O vento isolava as casas distantes do sertão.

As rezadeiras iniciavam uma oração cuidadosa para Deus não ficar zangado com tanta insistência. Pediam que o sol inclemente brincasse de se esconder no céu e demorasse a ser encontrado. A chuva só devia procurá-lo quando os açudes estivessem cheios, quando os jumentos se admirassem com os bois atolados na terra molhada.

As mãos postas pediam ao céu que não deixasse cair toda água que se esconde nas nuvens. O sertão precisava de chuva todos os anos. Um ano não deveria roubar a chuva dos outros. Se a chuva caísse sem parar, os açudes e as barragens não suportariam a fúria das águas e suas paredes fugiriam com medo. As plantações poderiam ser destruídas, as estradas danificadas e as cidades inundadas.

O poeta Cancão (1978), apresenta no poema “*Tempestade*”, imagens de fúria e medo que anunciam a chegada das águas:

[...] As nuvens surgiam densas
 Por todo lado da serra
 Como montanhas suspensas
 Com fimbrias da cor de terra,

 A terrível saraivada
 Caía tão arrojada
 Parecia um desespero
 O zigue-zague em seu jogo,

 Fingia cobras de fogo
 Brigando no nevoeiro.
 [...] Grandes colunas de vento
 Vinham desequilibradas

 Num grande deslocamento
 De ondas desencontradas
 Os trovões estremeciam
 Línguas de fogo desciam

 Com toda brutalidade
 A terra toda aluía
 Parecendo que queria
 Ir também na tempestade.

O ritmo da prece cantada tinha chegado aos ouvidos da chuva que se apressa envergonhada. Tinha esquecido do povo desse lugar. Ela sabe que o sertão depende desse alimento nutritivo, como a criança depende do leite materno.

A intuição da bebida fundamental, da água nutritiva como um leite, da água encarada como elemento nutritivo, como o elemento que digerimos com evidência, é tão poderosa que talvez seja com a água assim ‘maternizada’ que se compreende melhor a noção fundamental de elemento (BACHELARD, 1997, p.130).

O sertão desculpa e se alegra. As primeiras chuvas são embaladas com orações. O oratório transforma-se em um espaço de preces de agradecimentos. O rosto de Zefa – uma das rezadeiras – é um espaço de transformação das águas: as lágrimas não são de desespero, são lágrimas que pulam de alegria e se misturam com as histórias que estão sendo contadas na sala.

A noite avança. Os visitantes se preparam para partir. A chuva continua a cair no lado de fora. A sala transforma-se em um espaço de sonhos. Um canto de imaginar farturas. Os visitantes se despedem e retornam para suas casas. Não se preocupam com a chuva que escorre nos seus cabelos e encharca suas roupas. Estão felizes com a chegada do inverno. Os relâmpagos iluminam o caminho de volta e brincam de desenhar riscos no céu com um pincel de clarões.

A casa do sertão não está totalmente feliz. Lágrimas rolam do seu telhado. Seu coração de mãe sente saudade dos filhos que partiram na época da seca. “Mãe e Casa, eis os dois arquétipos no mesmo verso. Basta tomar a direção dos sonhos sugeridos pelo poeta para vivenciar, nos dois movimentos, a substituição das imagens” (BACHELARD, 1990b, p. 94). A casa pede ao relâmpago que brilhe com maior intensidade no céu, que o trovão ronque com mais força no ar e chame seus filhos que estão em terra distante. Está na hora de voltar para seus filhos. O sertão virou um mar de fartura. Como um pássaro, a casa sabe que “o ninho é indiscutivelmente uma cálida e doce morada. É uma casa de vida: continua a envolver o pássaro que sai do ovo” (BACHELARD, 1993, p. 105).

Perdido na cidade grande, o sertanejo que fugiu da seca raivosa, está solitário. Seu coração é como um curral apinhado de saudade. A selva de pedra – a cidade – parece um labirinto que causa uma sensação de angústia, de estar perdido. Sabe-se que, “o embaraço de um visitante perdido numa grande cidade parece fornecer a matéria emotiva de todas as angústias do labirinto dos sonhos” (BACHELARD, 1990b, p. 161).

Os edifícios da cidade lembram rochas ameaçadoras que desejam alcançar o céu e como nuvens raivosas, ameaçam desabar sobre a terra. Frequentemente,

O sonhador de nuvens vê no céu nebuloso rochedos reunidos. Eis a recíproca. Eis a vida imaginária trocada. Um grande devaneador vê o céu na terra, um céu lívido, um céu desabado. O amontoado das rochas tem todas as ameaças de um céu tempestuoso (BACHELARD, 2001b, p. 148).

O sertanejo recebe cartas com cheiro de terra molhada, recheadas de saudade dos sobreviventes que não quiseram deixar sua terra. Ele pede ajuda ao pensamento e viaja para o sertão: os açudes cheios, a mansidão do gado pastando, o milho assado, o chiado do carro de boi, o rinchar do jumento, o tibungo⁶ no açude e a festa de São João. O pensamento tem asas de um passarinho e a rapidez do vento. Ele se prepara para partir.

Outro dia amanhece na casa sertaneja. A passada desperta. O cheiro de café coado invade a cozinha, apaga-se o vaga-lume, coxa o sapo e muge o boi. Os cavalos, os burros e os bois escramuçam⁷ para dar as boas vindas ao inverno.

Da janela, avista-se o açude Esperança. A janela “na casa dos campos é um olho aberto, um olhar lançado para a planície, para o céu longínquo, para o mundo exterior num sentido profundamente filosófico”. (BACHELARD, 1990b, p. 89). O olho da casa presenciou o nascimento do açude há muito tempo. No início, era apenas um rio que ansiava encontrar o mar. Depois de cruzar muitas terras, o rio encontrou um obstáculo construído pelo homem: a parede de um açude. Ele tentou ultrapassá-lo. Não conseguiu. Sentiu que estava aprisionado.

Depois de muito tempo, a saudade da casa que não conhecia – o mar – invadiu-lhe a alma. Ele resolveu pedir ajuda a chuva. Sabia que o ano era bom de inverno. Queria prosseguir a sua jornada.

6 Mergulho; Voz imitativa do som produzido por um corpo ao cair na água.

7 Saltam curvando o dorso.

O céu escureceu ao meio-dia. O sertão nunca tinha se preparado para dormir tão cedo. A caatinga nunca tinha visto tanta água. A chuva caía sem parar. A água barrenta e amarelada, arrastava tudo o que encontrava pela frente. Quando a parede do açude começou a tremer de medo, o rio percebeu que chegara o momento de partir.

Uma história contada pelo vento o fez mudar de idéia: uma rolinha durante a seca precisou voar para longe em busca de água para seus filhotes que estavam com sede. Ao voltar, percebeu que tinham roubado o seu ninho. Seu canto triste comoveu o sertão.

O poeta Cancão (1978) expressou no soneto *Ninho Roubado*, um fato semelhante:

Aquela rolinha do meu sombrão
Sem o seu ninho, seu primeiro leito,
Já cantou tanto que feriu o peito

Sem saber dos filhos, do lugar que estão.
Percorre às vezes toda a vastidão
Volta de novo a reparar direito

De galho em galho a espreitar com jeito
Procura ainda, mas procura em vão.
Assim a pobre e infeliz rolinha
Levando as horas a gemer sozinha

Eriça as penas, depois as sacode.
Ela não chora porque não tem pranto
Se tivesse pranto choraria tanto
Mas sem ter pranto quer chorar não pode.

O rio resolveu ficar. Não haveria necessidade das aves abandonarem seus ninhos. Os animais não podiam morrer de sede. As pessoas não precisariam abandonar suas terras. O rio decidiu ser um espelho que pudesse refletir a beleza da natureza. Guardaria as águas da chuva. Assim, nasceu o açude Esperança. Sua tarefa de guardião das águas e espelho da natureza lhe deixava ancho⁸. O mundo poderia ser visto nas águas, porque “antes que houvesse olhos para ver, o olho da água, o grande olho das águas tranqüilas olhava as flores que se abriam. E é nesse reflexo – quem dirá o contrário? – que o

8 Cheio de si; vaidoso; convencido.

mundo tomou, pela primeira vez, consciência de sua beleza” (BACHELARD, 1985, p. 6).

A vontade humana de se ver e a curiosidade imaginária do mundo de olhar-se deságuam no sertão e enfatizam o narcisismo cósmico. As forças da visão continuam ativas na natureza. “Entre a natureza contemplada e a natureza contemplativa, as relações são estreitas e recíprocas. [...] O cosmos, é, pois, de certa maneira, tocado de narcisismo. O mundo quer se ver” (BACHELARD, 1997, p. 30-31).

O açude Esperança se transforma no olho da terra. Na imaginação, “o verdadeiro olho da terra é a água. Nos nossos olhos, é a água que sonha. [...] Na natureza, é novamente a água que vê, é novamente a água que sonha” (BACHELARD, 1997, p. 33).

Próximo ao açude, encontra-se o roçado. É também um espaço de intimidade já que quem desenvolve nele as atividades, são os membros da família. Está preparado e limpo. Espera acolher as sementes, durante certo tempo, até que elas se transformem em plantas carregadas de grãos que alimentarão os filhos daquela terra. As pessoas caminham em sua direção. Enxadas apoiadas nos ombros, bisacos⁹ a tiracolo. Vão plantar milho e feijão. A casa se expande, engloba também o roçado.

As sementes são lançadas no solo. Ao longe, escuta-se o aboio do vaqueiro. Essa espécie de canto apaziguador e orientador do rebanho se misturam com sussurro do vento. A voz lenta e dolente do vaqueiro é a própria voz do sertão, terra saudosa que escutamos com os ouvidos do coração. A música embala as sementes e enleva o roçado. As pessoas imaginam um São João repleto de milho assado, feijão verde, canjica e pamonha. Sonham com o céu avermelhado de labaredas de fogueira, de balões e foguetões.

O tempo passa. A colheita supera as expectativas. Na sala, o paiol de milho e feijão começa a ser debulhado. As histórias continuam em sistema de rodízio. As atenções se voltam para Raimundo. Era sua vez. O maior contador de histórias de cangacei-

ro tinha voltado da cidade grande. Ele avisa que vai contar a história de Lampião e Maria Bonita:

Lampião está diferente. Suas conversas com o cangaceiro Corisco estão mais freqüentes. Um nome é sempre mencionado: Maria Déa. Não a conhece pessoalmente. Seu compadre e melhor amigo, o cangaceiro Luis Pedro, tinha feito uma descrição: “É uma mulher de causar tonteira. Cheia de tentação na fala. Seu olhar gruda como visgo de jaca”. O bandedeiro nordestino está apaixonado.

A imagem de Maria Déa aumenta a indecisão de Virgulino Ferreira, o Lampião. Maria era casada com o sapateiro José de Neném e a entrada de mulheres no bando não era permitida.

O coração vence a razão. Lampião a procura. Maria aceita deixar tudo para trás sem titubear. Inicialmente recebe o nome de Santinha. Depois, o nome de guerra: Maria Bonita, em homenagem a sua beleza.

Lampião escreve para Maria Bonita, uma bonita toada (MACIEL apud LINS, 1997, p. 63) que o Brasil conheceu na voz de João Dias:

Se eu soubesse que chorando
Empato a tua viagem
Meus olhos eram dois rios
Que não te davam passagem.

Cabelos pretos anelados
Olhos castanhos delicados
Quem não ama a cor morena
Morre cedo e não vê nada.

O poeta Teodoro dos Santos (LINS, 1997, p. 46) se encarrega de eternizar, em versos, o romance entre os dois:

Os amores de Maria
Com Virgulino Ferreira
Não pode haver escritor
Que com base verdadeira
Possa fazer um poema
Pois eles deixaram o tema
Nas folhas de quixabeira.

O casamento acontece em clima de grande festa. O cangaço ganha uma rainha. O casal real gover-

9 Mochila.

nará a caatinga durante muito tempo. A fama de Lampião aumenta e estremece o sertão. As respirações estão suspensas. O nome de Lampião ainda causa admiração e medo. Raimundo está envaidecido. Pede que falem sobre a festa de São João que se aproxima. Passou muito tempo afastado de casa.

As pessoas o colocam a par das novidades. Falam sobre a organização da quadrilha, o local da festa, as moças namoradeiras, a contratação do sanfoneiro e sobre os dois dias que faltam para a festa. Dias que se arrastam como um carro de bois na estrada. Pessoas impacientes que querem apressar a paciência dos bois.

Chega, finalmente, a noite da grande festa. O terreiro começa a ser enfeitado com bandeirinhas de cores diversas. Na cozinha, a atividade é incessante. As comidas já estão preparadas para a noite de São João. O vento sopra, animado. Sabe que é noite de festa. As pessoas estão felizes. Comem canjica, pamonha, milho assado, fazem adivinhação ao redor da fogueira, tornam-se compadres e comadres. O fogo estreita os laços entre as pessoas.

O coração de Antonio está em festa. Seu olhar apaixonado não desgruda da ponta do terreiro. Espera a chegada de Ana. Pensa em convidá-la para dançar a quadrilha. De repente, ela aparece. Está muito bonita. O seu vestido de chita com rendas brancas era o mais bonito da festa. Botões de laranjeira enfeitam seus cabelos. Duas tranças emolduram o seu rosto. O sorriso que ilumina sua face só perde para o brilho do seu olhar. Zé da Luz, no poema, “*As Frô de Puxinanã*” (OLIVEIRA, [19--?], p. 31) diria:

Os ói dela paricia
Duas istrêla tremendo,
Si apagando e si acendendo
In noite de ventania.

A lua, no meio de uma reunião de estrelas, brilha com maior intensidade e ilumina o terreiro bem varrido para a festa. Antonio, depois de juntar léguas de coragem, aproxima-se de Ana e pergunta: – “*Acêita dançar a quadrilha comigo?*”. Ela respondeu que sim.

Ele tenta perguntar mais alguma coisa. Falta assunto. Disfarça. Afasta-se feito um pião bambeiro no meio das pessoas. Seu coração fica do tamanho do terreiro. Ana finge que não percebeu.

Antonio resolve presenteá-la com uma flor vermelha do mato, porque quando um homem presenteia uma mulher com esta flor, “lhe dá a entender que, como esta flor, tem o rosto em fogo e o coração em carvão” (SAINT-PIERRE apud BACHELARD, 1989, p. 84).

A terra está tão bonita quanto Ana. Espera paciente ser convidada para a festa. Seu vestido verde – cor da esperança – chama a atenção de todos os planetas. Seu cheiro de chuva e de mato verde perfuma o sertão. Sua alegria contagia a vastidão do universo. Ela está feliz porque seus filhos estão felizes.

A festa começa. O terreiro não cabe em si de tanta alegria. O forró e o baião vibram o solo sertanejo. As canções se vestem com as músicas mais bonitas para enfeitar a alma do povo na noite de São João. A festa só termina ao raiar do dia. Todos querem ver o nascer do sol.

O sol começa a aparecer no horizonte. A casa do sertão vai dormir muito feliz. Seus filhos a embalaram, durante toda noite, com muitas cantigas de dançar. A sanfona se cala. Uma última nota musical baila no terreiro, e dela, renasce o pássaro de fogo. A fênix-música alça vôo em direção ao céu. “Lembre-mos de que Nietzsche colocava a música sob o signo da Fênix, a ‘fênix-música’, redobrando a imagem da regeneração” (BACHELARD, 1990a, p. 73).

A casa acorda tarde. O rádio ligado sobre a mesa, espalha música no ar e alimenta a imaginação das pessoas. “O rádio está de posse de extraordinários sonhos acordados” (BACHELARD, 1985, p. 181). Lá fora, o pássaro-música corta o céu do sertão como uma flecha. A asa branca comemora a volta dos sertanejos para seu ninho, a casa de infância, que os recebe de braços abertos.

A casa é um espaço de segurança e de relação com nosso mundo interior. É nosso canto no mundo.

É um verdadeiro cosmos, diz Bachelard (1993). No mais profundo se si mesma, a psique é universo, responde Jung (1993). A casa é a Terra-Pátria, defende Morin e Kern (2002). O sertão está em toda a parte, intervém Rosa (1986). A casa do sertão é no nosso espaço e cantar no mundo, reconhece o autor.

OLIVEIRA, Reginaldo Antonio de. **O cancionero de Zé da Luz**: ensaio literário. [S.l.]: Edição do autor, [19--?].

ROSA, Guimarães. **Grande sertão**: veredas. 4. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1986.

REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. **A água e os sonhos**: ensaio sobre a imaginação da matéria. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

_____. **O ar e os sonhos**: ensaio sobre a imaginação do movimento. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. **A chama de uma vela**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

_____. **O direito de sonhar**. São Paulo: DIFEL, 1985.

_____. **Fragmentos de uma poética do fogo**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

_____. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

_____. **A terra e os devaneios da vontade**: ensaio sobre a imaginação das forças. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. **A terra e os devaneios do repouso**: ensaio sobre as imagens da intimidade. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

BURN, Lucilla. **Mitos gregos**: o passado lendário. 3. ed. São Paulo: Moraes, 1992.

CANCÃO. **Meu lugarejo**. Recife: Nunes, 1978.

HAMILTON, Edith. **A mitologia**. Lisboa: Dom Quixote, 1983.

JUNG, Carl Gustav. **C. G. Jung**: memórias, sonhos, reflexões. 6. ed. Rio de Janeiro: Cultrix, 1993.

LINS, Daniel. **Lampião**: o homem que amava as mulheres. São Paulo: Annablume, 1997.

MORIN, Edgar; KERN, Anne Brigitte. **Terra-pátria**. Porto Alegre: Sulina, 2002.